

A PAISAGEM VERNACULAR EM "O SERTANEJO"

THE VERNACULAR LANDSCAPE IN "O SERTANEJO"

EL PAISAJE VERNACULAR EM "O SERTANEJO"

RESUMO

O presente texto tem como esteio a compreensão de uma díade formada pela geografia e a literatura. Aqui tentamos compreender os caminhos não apenas na perspectiva de um leitor que diante da obra “O Sertanejo” de José de Alencar, estabelece uma dissociação de certos elementos presentes no romance para pensar uma espacialidade que se objetiva na paisagem narrada pelo escritor, sendo esta dimensionada por um vernáculo que envolve valores e sentidos pelos quais a paisagem nos remete para um imaginário de uma dada sociedade e nos instiga a pensar o espaço geográfico quando este passa a ser entendido não é apenas como superfície. Dessa forma, buscamos a compreensão de uma paisagem sertaneja narrada por José de Alencar na perspectiva de uma geografia que destaca o caráter excepcional motivado pelas subjetividades onde a linguagem poética reflete com bastante propriedade o caráter emocional narrado no romance expressando assim paisagens e lugares de um ambiente sertanejo.

Palavras-Chaves: Geografia, Literatura, Paisagem Vernacular, O Sertanejo

ABSTRACT

The present text is based on the understanding of a dyad formed by geography and literature. Here we intend to understand the paths not only from the perspective of a reader who, in the face of the novel “O Sertanejo”, establishes a dissociation of certain elements present in the novel to think of a spatiality that is objective in the landscape narrated by the writer, being this dimensioned through a vernacular that involves values and meanings by which the landscape takes us to an imaginary of a given society and instigates us to think about the geographical space when it comes to be understood is not just as a surface. In this way, we seek to understand a hinterland landscape narrated by José de Alencar from the perspective of a geography that highlights the exceptional character motivated by subjectivities where poetic language fairly reflects the emotional character narrated in the novel thus expressing landscapes and places in an environment backcountry.

Keywords: Geography, Literature, Vernacular Landscape, O Sertanejo

RESUMEN

Este texto se basa en la comprensión de una diada formada por geografía y literatura. Aquí pretendemos comprender los caminos no solo desde la perspectiva de un lector que, en vista de la obra de José de Alencar “O Sertanejo”, establece una disociación de ciertos elementos presentes en la novela para pensar en una espacialidad que es objetiva en el paisaje narrado por el escritor, siendo esta dimensionada a través de una lengua vernácula que involucra valores y significados por los cuales el paisaje nos lleva a un imaginario de una sociedad dada y nos instiga a pensar en el espacio geográfico cuando llega a ser entendido no solo como una superficie. De esta manera, buscamos comprender un paisaje interior narrado por José de Alencar desde la perspectiva de una geografía que resalta el carácter excepcional motivado por las subjetividades donde el lenguaje poético refleja de manera justa el carácter emocional narrado en la novela, expresando así paisajes y lugares en un entorno travesía.

Palabras clave: Geografía, Literatura, Paisaje vernáculo, O Sertanejo.

Introdução

Quando analisamos uma obra literária, desenvolvemos uma atitude analítica. Em um primeiro momento, mesmo não sendo de forma sistemática, dirigimos nosso olhar, muitas vezes um pouco crítico tomando como esteio, um olhar perceptivo, na qual a mensagem textual nos é enviada pelas sensações que captamos para sentir as formas, as sonoridades, os odores entre outras. A proposição desse texto trilha pelos caminhos não apenas na perspectiva de um leitor que diante da obra “O Sertanejo” de José de Alencar, estabelece uma dissociação de certos elementos presentes no romance para pensar uma espacialidade que se objetiva na paisagem narrada pelo escritor, sendo esta dimensionada por um vernáculo que envolve valores e sentidos pelos quais a paisagem nos remete para um imaginário de uma dada sociedade (Berdoulay, p. 2012). Portanto, Falar de literatura e geografia, prazerosamente nos levou a pensar também na perspectiva fenomenológica. Neste sentido, Dardel (1990) ao propor um estudo fenomenológico da geografia, contribuiu para o conceito humanista que a paisagem revela, conceito este já destituído de seus aspectos exclusivamente formais ou objetivos. Trabalhando o entrelace entre a geografia e a literatura nos possibilitou olhar para o texto literário tendo como ensejo o romance “O Sertanejo”, decodificando imaginários ou outras geografias pelas quais nos posicionamos a pensar heterotopias que nos permitem a pensar materialidades e imaterialidades que se aproximam mutuamente.

Aqui advertimos para a estranheza de alguns estudiosos e até mesmo geógrafos em compreender e aceitar como determinadas temáticas possam ser tratadas pela geografia, ensejando uma refutação para alguns tópicos, fazendo fenecer em seu nascedouro face a assuntos sedimentados e já bastante conhecidos na seara da geografia. Tal fato concorreu para que houvesse uma negligência em abordar essas temáticas conduzindo, portanto, para o seu cadafalso. Essa negligência reside na ausência de subjetividades nas quais deveriam motivar nossa compreensão de mundo. Nesta perspectiva de análise, Cosgrove (1998) já nos alertava para algumas suposições não explícitas nas quais os geógrafos britânicos tenderiam a retirar de cena a cultura e o símbolo de suas investigações.

Pensando em colocar a subjetividade enquanto elemento que nos ajudasse a um melhor entendimento da dimensão espacial, (Longhurst, 2003, p. 283) irá afirmar que “todo conhecimento geográfico, seja ele conhecimento espacial, geografia comportamental, geografia marxista, geografia feminista ou geografia cultural, pressupõe alguma teoria da subjetividade”. Torna-se, portanto, imperativo pensar a subjetividade em termos de espaço, uma vez que pensamos nós mesmos como tendo uma identidade com os lugares, as paisagens, os territórios. Como aporte teórico-metodológico percorremos os caminhos da subjetividade enquanto elemento que nos auxilie na compreensão de paisagens simbólicas e que anunciam o vernáculo como forma de interpretar saberes e práticas espaciais. A perspectiva humanista nos forneceu esteio e a partir de um texto literário fomos evidenciando paisagens, lugares que identificavam um mundo vivido no qual se situam valores, imaginários e seus significados.

Analisar o romance em um contexto geográfico, conforme nos mostra Brousseau (2007, p. 19) em uma perspectiva da geografia humanista, busca colocar o sujeito como foco central de seus trabalhos “evoca de maneira direta ou indireta a fenomenologia” em uma de suas análises espaciais nas quais o esteio da literatura, procura falar das experiências que os autores de romances têm com os lugares, trazendo consigo o resultado das percepções no qual é possível evidenciar as inúmeras possibilidades que o romance pode estabelecer com a geografia.

Portanto, é nessa perspectiva de análise que adentraremos às paisagens e lugares de “O Sertanejo”, relevando uma discussão que tornam preferenciais como fontes de inspiração para a pesquisa geográfica, cujo intuito é promover uma discussão que envolva elementos consonantes entre a geografia e a literatura, entendo que neste romance enseja uma imaginação geográfica calcada em uma abordagem humanística e cultural, apreendendo valores subjetivos e que um processo dialógico possa entender as práticas e saberes espaciais em

contextos de uma realidade material. E neste sentido, também ressaltamos que salutar é acompanhar a discussão que Marandola Jr. (2010, p. 22) estabelece entre a geografia e literatura, ao mostrar que existe duas perspectivas distintas. Afirmo este autor que “a geografia possibilitaria ver a arte, o documento como uma expressão material da cultura, da sociedade, do momento histórico e de um dado território enquanto que a literatura entende a manifestação artística como potência criadora de mundos”. Ressalta-se, portanto, a lógica de um humanismo que proporciona esteio à discussão entre geografia e literatura que exalta as experiências do sujeito e de coletividades em relação ao espaço, aqui objetivado nas paisagens e lugares apresentados no romance “O Sertanejo”.

O sertanejo: representações vernaculares da paisagem

Estabelecer uma discussão envolvendo temas marginais à geografia tornou-se, portanto, um desafio para aqueles geógrafos que enxergavam outras possibilidades. Diante do estabelecimento de um discurso relativista, as certezas e comodidades acadêmicas começavam a reagir perante a emergência de novas formas para a observação de algumas manifestações espaciais. Bem se compreende a afirmação de Sokal (2006, p. 61) que revela a perspectiva de um relativismo para designar qualquer filosofia que afirme a veracidade ou a falsidade de uma asserção.

Tal assertiva incita um longo debate, o que não pretendemos encetar no presente texto. Entretanto, gostaríamos de transpor a discussão para o âmbito da geografia brasileira, naquilo que concerne ao desenvolvimento da geografia cultural no Brasil. Correa e Rosendahl (2012) ao fazerem uma análise da geografia cultural brasileira, destacam pontos importantes nos quais são justificadas posturas que conduzem novas abordagens para pensar o espaço. Entre essas justificativas, indicam os “significados” como palavra-chave da geografia cultural renovada como forma de compreensão da realidade social e também uma maneira de interpretar a espacialidade através dos sentidos.

Tais posturas impediram por muito tempo, que os geógrafos atinassem para uma imaginação geográfica e colocassem em relevo proposições teóricas que almejassem uma interpretação frente aos fenômenos sócio-espaciais quer estejam associados a uma perspectiva da natureza, quer estejam associados às práticas simbólicas cujos elementos indicam proposições para a análise de um processo que envolve a produção de paisagens culturais, lugares ou territórios (Costa, 2012).

O romance “O Sertanejo”, escrito em 1875 se insere ao lado de “O Gaúcho”, também do mesmo autor, consideradas como obras que referenciam o caráter regionalista de José de Alencar. Esses dois romances apresentam a íntima relação entre o homem e natureza. Almeida (1981, p.49) nos chama atenção para a evolução do romance regionalista na literatura brasileira com “contribuição marcante de Alencar faz-se através de O gaúcho e O sertanejo. Essas duas obras, sobretudo a última, mais profundamente radicada no meio regional, constituem etapas necessárias de transição entre o indianismo nacionalista e o regionalismo particularista”.

Ao descrever o vaqueiro cearense em “O Sertanejo”, o autor busca perceber as nuances de um quadro próximo à realidade, uma vez que era conhecedor da região, procura definir ora na forma de uma realidade premente ora nas suas veleidades. Essas veleidades se atrelam às características do romance romântico no qual Alencar busca narrar a paisagem a partir de uma poética não como uma mimese da realidade, mas como uma transposição de elementos presentes na paisagem. Essa idealização da paisagem sertaneja pode ser observada logo no início do romance quando o autor descreve o sertão de Quixembim, no Ceará:

Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal. Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo accossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza. Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses, a voz saudosa e plangente do rapaz que abóia o gado para o recolher aos currais no tempo da ferra. (Alencar, 2014, p. 15)

É esse sertão que nos fala Alencar e que nos remete para um local de natureza hostil, ainda pouco desbravado no final do século XIX: o sertão no nordeste do país. A narrativa penetra nossas mentes, mexendo o caldeirão de nosso imaginário com seus ricos personagens e locais detalhadamente descritos. Este diálogo com uma paisagem sertaneja terá como esteio o vernacular, retratado pelas formas naturais aqui materializadas pelo relevo, pela vegetação, pela presença ou ausência de precipitações pluviométricas, mas também dimensionando o saber das experiências, vivências, afetividades e intimidades com as coisas, os objetos e os lugares, enfatizando assim um espaço vivido daqueles que possuem interligações íntimas com o lugar. Como afirma Damery (2008, p. 273) ao relacionar a dimensão da experiência do homem com o espaço através de um mundo vivido e eivados de uma subjetivação nos mostra que os “afetos permitem ao sujeito reavaliar sem cessar sua própria consciência emocional”. Nesta concepção, um mundo vivido nos é apresentado através da trama de uma natureza que reverbera as contingências de um espaço humanizado.

A chapada, que os viajantes atravessavam neste momento, tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquelas regiões no tempo da seca. Nessa época o sertão parece a terra combusta do profeta; dir-se-ia que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas. Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se erriçam os troncos ermos e nus com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuário da antiga floresta. O capim, que outrora cobria a superfície da torra da verde alcatifa, roído até à raiz pelo dente faminto do animal e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardacentas. (Alencar, 2014, p. 27)

Assim, podemos observar que as expressões de uma paisagem reveladora que vai também admitir permanências no sentido de estabelecimento de espaços recônditos. A fixação do homem no sertão alencarino revela ainda toda uma complexidade de atividades econômicas e culturais que se vinculam a um contexto de sobrevivência representado pelos gêneros de vida. Vencer as mazelas de um sertão semiárido configura, portanto, uma noção de gênero de vida que envolve um conjunto de práticas materiais, entretanto nos alerta Sorre (2002[1948]) para a dimensão subjetiva destas atividades pois os elementos materiais estão atrelados aos espirituais, constituindo, portanto, processos transmitidos por uma tradição que asseguram uma posse sobre os elementos da natureza.

Paisagem e vernáculo são termos que estabelecem relações pelas quais os aspectos simbólicos de um determinado lugar são eivados de conceitos que denotam seus sentidos reais a partir das manifestações culturais desenvolvidas pelos sujeitos. Assim, descrever esses conceitos torna-se tarefa complexa à medida que suas limitações vão surgindo e demonstrando certas intensidades e dimensionamentos, sendo isso percebido a partir das diversas formas de ocupação do espaço, quer seja com relação ao meio natural ou social.

O olhar para uma paisagem vernacular aqui contextualizado no romance “O Sertanejo”, evoca conforme Jackson (1984) as particularidades, onde o familiar serve como um ponto de partida. Acrescenta ainda este autor que “quando nos comprometemos a estudar as paisagens de forma séria, sempre nos deparamos com uma verdade séria, pois mesmo a paisagem mais simples, menos interessante contém elementos que somos incapazes de explicar” (Jackson, 1984, p. 11). Assim iremos reconhecer elementos do vernáculo em uma paisagem semiárida a partir das formas mais simples, contudo entendendo que não são simplórias. As coisas da paisagem aí representam as coisas do lugar. Neste, onde o cotidiano é revelador para o entendimento do vernáculo.

O conceito de paisagem vernacular se amplia à medida que suas limitações se tornam complexas quanto aos aspectos naturais e culturais que a compõem, pois possibilitam apreender representatividades sobre os ambientes construídos através das sensações e percepções que os indivíduos possuem dos lugares. Nesse caso, a paisagem não deve ser considerada sob o mesmo ponto de vista, já que suas definições podem apresentar elementos que estejam ou não presentes no espaço a partir dos segmentos humanos, sejam eles em ambientes estáticos ou dinâmicos. Cosgrove (2012, p. 223) explica que “a paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, uma

unidade visual". Assim, a paisagem está nos direciona para às maneiras de ver o mundo enquanto criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e cujos mecanismos são acessíveis à mente humana, assim como o olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente. Porém, o olhar subjetivo também é determinante para revelar uma interação entre corpo e natureza para um entendimento do mundo percebido, como podemos observar na passagem abaixo

As sombras das colinas do poente desdobravam-se pelos campos e várzeas e cobriam a rechã dêsse candor da tarde, que em vez da alegria da alva matutina tem o desmaio, a languidez e a melancolia da luz que expira O gado espalhado pelas várzeas solta os profundos e longos mugidos com que se despede do sol, e que propagam-se pelo ermo, como os carpidos da natureza ao sepultar-se nas trevas. (Alencar, 2014, p. 64)

Assim temos uma paisagem que se mostra complexa pelas suas implicações. O sertão é apresentado a partir de suas composições e estruturas e que são moldadas e adaptadas às condições humanas que se desenvolvem em ritmos acelerados de explorações desconfigurando os espaços naturais, como descreveu Cassirer (1995, p.109): "O espaço não é uma estrutura estritamente fixada [...] é determinante e ao mesmo tempo dependente". No entendimento de Besse (2014, p. 242) é necessário pensar suas conexões dentro de suas abrangências a partir do que as definem, e de maneira diversificada suas pluralidades, formas e relações, pois "esta diversidade atravessa igualmente as paisagens, as concepções que podemos ter, as maneiras de percebê-las, bem como as maneiras de fabricá-las. É o que gostaria de evocar agora".

Nesse entendimento, as transformações desenvolvidas em determinadas paisagens -nos analisar e compreendê-las tendo como base informações e interpretações dentro de um contexto no qual a cultura estabelece vínculos através das práticas que delineiam as paisagens. Portanto, partimos do entendimento que o vernáculo na paisagem é um atributo que diretamente exprime o engajamento do homem no espaço, compreendendo isso como apropriação do mesmo.

O vernáculo da paisagem em O Sertanejo na perspectiva em compreender as formas de interação entre o homem e o meio a partir das representações espaciais que se expressam cotidianos em contexto natural ou social. A paisagem vernacular aqui não representa apenas aparências, porém subjetividades denunciadas no habitar, nas práticas cotidianas, nos rituais, estabelecendo uma forma de inserção do homem no mundo, sendo o lugar de combate pela vida, onde acontecem as manifestações de seu ser e suas criatividadees (Dardel, 1990). No trecho a seguir, Alencar expõe um cotidiano da vida sertaneja

A cabana constava de três peças: uma servia de varanda, outra de dormitório, a última era a cozinha. Todas as portas e janelas estavam abertas, de modo que o ar e a luz entravam francamente com a fragrância dos campos. O chão era de massapé, mas tão rijo e varrido que não se via sinal de poeira. À exceção da cozinha, cada aposento tinha uma rede de algodão muito alva. No dormitório a rede faz as vezes de cama; na varanda faz as vezes de sofá, e é o lugar de honra que o sertanejo, fiel às tradições hospitaleiras do índio seu antepassado, oferece ao hóspede que Deus lhe envia. (Alencar, 2014, p. 48)

O habitar sertanejo é revelador das práticas de um cotidiano eivado de uma singeleza, porém assumindo uma polivocalidade expressa pelos objetos. Aqui, reside a essência de um lugar vernacular e segundo Relph (1976, p. 42) "lugares são os contextos ou planos de fundo para objetos, grupos ou eventos definidos intencionalmente, ou podem ser objetos de intenção por si mesmos". Podemos falar que na dimensão de um mundo sertanejo, os aspectos de um mundo vivido que distinguimos como lugares diferenciados envolvem um conjunto de intenções, atitudes, propósitos e experiências. O arranjo dos objetos, o mobiliário pode ser visto enquanto vernáculo e no dizer de Tuan (1983) são pequenos mundos que adquirem um sentido e que vibram no contexto das relações humanas enquanto campo de preocupações.

O arranjo dos objetos, a sua utilização, expressa o vernáculo que se materializa também por subjetividades que estruturam o lugar e são definidos em grande parte em termos dos objetos e seus significados. Observamos, portanto, uma arquitetura vernacular, típica da casa sertaneja e consoante ao que nos fala Jackson (1984), revela uma profusão de signos denunciadores da vida cotidiana.

A definição de prosaicos elementos existentes no vernáculo da paisagem sertaneja nos revela ainda um acontecer simbólico e que desperta ressonâncias em diferentes planos de vida. Isso pode ser observado na passagem abaixo:

A primavera do Brasil, desconhecida na maior parte do seu território, cuja natureza nunca em estação alguma do ano despe a verde túnica, só existe nessas regiões, onde a vegetação dorme como nos climas da zona fria. Lá a hibernação do gelo; no sertão a estuação do sol. A primeira gota d'água que cai das nuvens é para as várzeas cearenses como o primeiro raio do sol nos vales cobertos de neve: é o beijo de amor trocado entre o céu e a terra, o santo himeneu do verbo criador com a Eva sempre virgem e sempre mãe. Nunca vi o despertar da natureza depois da hibernação. Não creio, porém, que seja mais encantador e para admirar-se do que a primavera do sertão. Aquí a transição se opera com tal energia que assemelhava-se de certo modo à mutação. Aquela várzea que ontem ao escurecer afigurava-se aos vossos olhos o leito nu, pulverento e negro de um vasto incêndio, bastou o borraieiro da noite antecedente para cobri-la esta manhã da virescência sutil, que já veste a campina como uma gaze de esmeralda. (Alencar, 2014, p. 79)

A experiência de uma natureza árida, muitas vezes devastadora para quem vive no ambiente de uma paisagem sertaneja desperta o sentimento nostálgico da memória. Aqui a natureza hostil que após a chegada da chuva ressignifica uma paisagem cuja memória o simples conceito de lugar sertão pensado em outros momentos, apenas para demarcar um fato geográfico. Aqui, a paisagem assume uma postura dentro da dimensão fenomenológica e que consoante ao pensamento de Bachelard (1993, p. 29) afirma que “é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências”. Assim, nessa ambiência de uma paisagem sertaneja retratada por José de Alencar se dilui experiências vividas. A relação do homem com a paisagem é intimamente relacionada a esses aspectos nos quais o sentir a natureza pode ser visto enquanto lugar e no dizer de Tuan (1979) são pequenos mundos que adquirem um sentido e que vibram no contexto das relações humanas enquanto campo de preocupações.

A paisagem sertaneja em “O Sertanejo” é retratada enquanto experiência vivida, retratando-se como uma liminaridade, envolto em uma trama que envolve identidade e pertencimento, transformando em um processo de interação simbólica, que delinea práticas materiais e imateriais em um movimento temporal e espacial. As práticas espaciais vivenciadas pelos personagens tornam explícitas as manifestações mais recônditas que podem ser reveladas por discontinuidades, porém, estabelecendo conexões que atinam para o pertencimento. Esse pertencimento pode ser observado na passagem abaixo:

Para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda passando. A seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as coroas de mato, distinguem-se melhor do que as praças e ruas com seus letreiros e números. Arnaldo estivera ausente daqueles sítios algum tempo. Ao passar por eles observava sua fisionomia, tão inteligente e franca para êle, senão mais do que a face do homem; e lia nesse diário aberto da natureza a crônica da floresta. Uma fôlha, um rasto, um galho partido, um desvio da ramagem, eram a seus olhos vaqueanos os capítulos de uma história ou as efemérides do deserto. (Alencar, 2014, p. 54)

Assim, compreendemos que a paisagem enquanto vernáculo é apreendida pelo mundo dos sentidos. São as sensações que denotam a experiência pela qual o romance alencarino releva a natureza através de uma intimidade que vaqueiro Arnaldo tem de seu mundo, O lugar aqui é apreendido pelo mundo dos sentidos. São as sensações que denotam a experiência de cada lugar, cada vereda, cada espécie de vegetal. O cheiro e a sonoridade ou o silêncio, o conduz aos lugares de seu mundo vivido, permitindo transformar uma distância métrica em uma distância afetiva. O lugar aqui é dimensionado pela intimidade. Nesse posicionamento, vamos perceber que a paisagem em “O Sertanejo” revela elementos que são repletos de significados.

Em “O Sertanejo”, a presença de um sertão arredio e ao mesmo tempo que conjuga uma simbiose perfeita do homem com a natureza, estabelece no contexto romanesco a forma como José de Alencar irá mostrar um lugar afastado do Brasil, narrando as formas da natureza e as sociabilidades que expressa um regionalismo (Cândido, 2000). O personagem vivido pelo vaqueiro Arnaldo se confunde com esse ambiente hostil, eivado de rudezas e de um caráter inóspito, porém ao mesmo tempo acolhedor. Assim configura-se uma trama do homem com a natureza:

A vida do deserto tinha apurado essa lucidez. Tantas vezes obrigado a pernoitar no meio dos perigos de toda a casta, entre as garras da morte que o assaltava sob várias formas, no pulo do jaguar como no bote da cascavel, o sertanejo aprendera essa arte prodigiosa de dormir acordado, quando era preciso. (Alencar, 2014, p. 11)

A natureza sertaneja de Alencar, revela um vernacular não apenas em seus sentidos valorativos que registram uma afeição, um pertencimento. O sertão aqui apresentado também é foco de tensões, lutas e desavenças, indicando que um significado pleno de simbolismos advindos de uma intrincada ligação com a existência humana. A caatinga é o ambiente que abarca em uma mesmo sentido elementos contraditórios e no dizer de Buttimer (1985) são aqueles que nos envolvem ao lar e nos levam ao aprofundamento de nossas raízes e aqueles que nos empurram em busca de horizontes de alcance, ou seja, lugares que estão além de nosso alcance imediato, que ansiamos conhecer e nos aventurar, nos orientando para fora de nosso lar. Neste sentido, é observado a intrínseca relação do homem com a paisagem. O vernacular aqui é assegurado através da visibilidade e sua existência. A sua percepção de espaço vivido que forma uma trama de experiências nas quais são atribuídas os valores e símbolos relacionados à paisagem sertaneja.

Os significados apresentados na complexidade do sertão, nos remete conforme Cosgrove e Jackson (2000) para um conceito de paisagem enquanto um conjunto de signos que nos leva a metodologias mais interpretativas que morfológicas. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que se une a uma ideia, um valor, um sentimento. Entendemos, portanto, que as mediações simbólicas são idealizadas e permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares da afetividade do reencontro. A narrativa do romance “O Sertanejo” nos aproxima dessa trama que envolve a geografia e a literatura. O sertão apresentado no romance representa a mais forte expressão de um espaço vivido. Neste sentido somo consoante ao que afirma Collot (2013, p. 19) “a relação que uma experiência da paisagem estabelece entre a extensão de uma região e aquele que a observa é uma modalidade especificamente do vínculo que une todo ser vivo ao seu meio”.

Portanto, um olhar para o vernáculo da paisagem torna-se importante enquanto valor simbólico e no dizer de Luchiarri (2001) nos permite identificar um sujeito oculto da paisagem, ou seja, o modo de produção que impregna as práticas sociais e faz surgir ou organizam territórios valorizados ou repugnantes. As paisagens excluídas que muitas vezes são marginalizadas, por não conterem um aspecto estético que justifiquem como tal, também trazem consigo um forte poder simbólico. Ao falar de uma paisagem extrema e passível de mutações com a chegada das chuvas, podemos ver na narrativa, um testemunho pela qual a espacialidade que envolve o sujeito é constitutiva de subjetividades:

A primeira gota d'água que cai das nuvens é para as várzeas cearenses como o primeiro raio do sol nos vales cobertos de neve: é o beijo de amor trocado entre o céu e a terra, o santo himeneu do verbo criador com a Eva sempre virgem e sempre mãe. Nunca vi o despertar da natureza depois da hibernação. Não creio, porém, que seja mais encantador e para admirar-se do que a primavera do sertão. Aqui a transição se opera com tal energia que assemelhava-se de certo modo à mutação. Aquela várzea que ontem ao escurecer afigurava-se aos vossos olhos o leito nu, pulverento e negro de um vasto incêndio, bastou o borraieiro da noite antecedente para cobri-la esta manhã da virescência sutil, que já veste a campina como uma gaze de esmeralda. (Alencar, 2014, p. 31)

Assim, a paisagem vernacular associada à natureza, expressa também um ambiente visual e que irá estabelecer a relação que um determinado grupo social mantém com o lugar, expressando a sua formação e continuidade. A chegada do período chuvoso mudando o cenário sertanejo representa para aqueles que vivem na aridez um ambiente visual em que as polivocalidades da paisagem não são apenas uma adição de estímulos pontuais, mas também pode ser entendida nas acepções metafóricas que Alencar nos fala da respeito dessa paisagem “invernosa”, estabelecendo uma relação entre o indivíduo e a paisagem sendo, portanto, mediatizada por uma rede simbólica cuja materialidade traz também o imaterial, algo visível que mostra o invisível, um gesto que significa um valor.

Uma paisagem sertaneja que aparece como lugar de emergência. Sua morfologia nos remete à uma estrutura de símbolos presentes na paisagem. Portanto, se a paisagem sertaneja aparece como um lugar de emergência, poderia ser uma tarefa que em um primeiro momento nos leva à análise subjetiva, através de um trabalho sistemático de decodificações, decompondo o símbolo numa série de significados. O simbólico da paisagem em “O Sertanejo” permite também um êxodo conceitual, onde buscamos uma exegese à luz de outras disciplinas, muito embora a semiologia já tenha afirmado não haver maneira de ler os símbolos. Assim, a leitura da paisagem a partir do símbolo, torna-se uma empresa da Geografia Humanística, que discute categorias tais como paisagem e lugar como e que se torna familiar ao indivíduo. Na concepção de Tuan (1983, p. 7), “a amplitude da experiência ou conhecimento pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos”, portanto, os saberes e fazeres humanos atribuem significados e organizam as paisagens e os símbolos presentes fazem a mediação entre o mundo exterior e o mundo interior.

A presença da chuva no sertão também pode ser definida como um elemento mediador entre os diferentes registros da experiência e a comunicação humana. Podemos dizer que a experiência e a comunicação humana apresentam uma dimensão espacial e que se objetiva na paisagem, determinando um mundo conhecido e imaginado em que a atividade humana converte em um complexo de significados. O vernáculo da paisagem aqui representado indica também a propositura de uma imagem poética que necessariamente não precisa está ligada a um passado longínquo e também não está sujeita a um impulso. Não é um eco do passado (Bachelard, 1993, p. 2). Portanto, a paisagem vernacular sertaneja envolve uma paisagem imagética e pode compreender uma imagem singular, porém plena de significados. Neste sentido, somos consoantes ao que afirma Jackson (1984), ressaltando a importância em examinar o histórico e o presente da paisagem, onde seriam enumerados alguns tópicos como: arquitetura doméstica, práticas agrícolas, costumes locais, crenças e práticas sociais reveladores desse vernáculo.

Considerações Finais

As reflexões feitas neste trabalho, tem esteio no âmbito da geografia humanista. Apresentamos o conceito de paisagem vernacular permeando na dimensão da subjetividade, pois trilhar pelos caminhos da objetividade estaríamos considerando este conceito na seara do significado locacional. Dessa forma, ao debruçarmos sobre o romance “O Sertanejo” de José de Alencar podemos, portanto, desvincular o conceito de paisagem de seu sentido estritamente objetivado pela forma, mas também podendo ser compreendida ao incorporamos os elementos subjetivos apresentados no texto. A paisagem sertaneja aqui apresentada revela a experiência das pessoas e os seus significados simbólicos. Neste sentido, entendemos que ao perceber a paisagem sertaneja no romance alencarino, podemos experimentar, sentir e perceber uma paisagem geográfica que não atina somente para os elementos visíveis da paisagem aqui representados pelas formas da vegetação ou do relevo, mas também pelas invisibilidades simbólicas que estão revestidas de significados que revelam os elementos que adornam qualidades subjetivas e entremeados por laços afetivos.

Ao analisarmos as afecções e as experiências do mundo vivido, as atitudes e sentimentos que permeiam a paisagem em “O Sertanejo” sob a perspectiva da paisagem vernacular verificamos a presença de tipologias que se manifestam como formas peculiares através das vivências nas quais são atribuídos significados específicos para aquelas formas materiais e imateriais. Portanto, o simbólico poderá ser identificado também através do imaginário enquanto arranjo espacial que aproxima as pessoas aos seus ambientes vividos, pois estes aparecerão como criações do homem, reforçando a ideia de que simbolizar os seus lugares de pertencimento amplia complexidades que se traduzem nas formas, conteúdos e funções. Nesse caso, o conhecimento tornar-se-á um diferencial diante das realidades em que a tendência seja reproduzir e adquirir interpretações diversas, pois os indivíduos passarão a assimilar concepções sobre os espaços vividos de acordo com suas imaginações e sentimentos.

O entendimento para a compreensão de uma paisagem vernacular em “O Sertanejo” é que não exista forma simbólica sem conteúdo específico. Entretanto, somos levados a acreditar na existência de contextos plurais e que não são mutuamente excludentes. Oliveira (2012, p. 3) nos chama atenção para o sentido de lugar “Há sempre uma infinidade de definições de lugar [...] umas objetivas outras subjetivas”. Assim as formas simbólicas expressas ao longo do texto não devem ser entendidas apenas pelos significados que lhes são atribuídos, mas também como representações que descrevem o espaço onde uma dada sociedade se manifesta e interage, coexistindo assim dimensões simbólicas diferenciadas nos lugares.

Prevalece, portanto, o entendimento de que os aspectos simbólicos proporcionam elementos singulares permitindo adentrar em contextualizações nas quais determinadas paisagens culturais por mais que expressem simplicidade em sua forma, assumem para um determinado grupo humano, elementos pelos quais são conferidos valores que muitas vezes não se contextualizam no por meio de uma narrativa imaginária e que envolve a dimensão espaço-tempo. Percorremos na leitura de “O Sertanejo” as tramas que evocam polivocalidades aqui registradas em permanências e não permanências que remetem a um poético da paisagem. Ao falar de uma paisagem sertaneja, das relações do homem com o sertão. José de Alencar enaltece os significados existentes em um cotidiano. A imagem dos ambientes gravadas na memória demonstra que o sujeito reverbera no seu cotidiano as representações pelas quais vão definindo seus espaços vividos. Essas imagens ou representações configuram, portanto, circunstâncias particulares onde a paisagem indica também a maneira de ver e compreender um microcosmo.

Aqui observamos uma conexão de atividades entre o sujeito e o lugar em um mundo de significados e experiências. As manifestações que revelam experiências vividas e relatadas no romance em tela, em suas particularidades de um mundo vivido são expressas naquilo que Tuan (1983, p. 151) menciona sobre as experiências íntimas do lugar. É no olhar para o mundo sensível de uma paisagem que em um primeiro momento aparece como arredia e refratária ao habitar, mas que tem também um acolhimento por parte daquele que nutre uma experiência sensível. A relação entre o homem e a paisagem identifica, portanto, essa experiência do sensível onde a paisagem sertaneja cearense testemunha uma ancoragem perceptiva e subjetiva, estabelecendo uma díade entre sujeito e o objeto. Esse encontro entre o mundo objetivo e subjetivo encontrado no romance “O Sertanejo” expõe ainda uma análise dialógica na qual a linguagem expressa estratégias em que a narrativa não deva ser tratada apenas como objeto de análise, mas também na perspectiva do sujeito que está atento para a narrativa. Neste sentido, o diálogo entre a geografia e a literatura estabelece um processo que permite ao geógrafo entrar em contato com as formas espaciais simbólicas presente em uma obra literária, colocando assim não apenas a narrativa descritiva mas também em uma nova perspectiva para apreensão do real.

Referências

- ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro: 1857-1945**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo; Martins Fontes, 1993
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. C. (Org.) **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012
- BESSE, Jean Marc. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. C. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-193.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. (2º vol.) Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Ltda., 2000.
- CASSIRER, E. Espace mythique espace esthétique espace théorique. In: **Écrits sur l'art**. Paris: Éd. du Cerf, 1995. p. 101-122.
- COLLOT, Michel. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Trad. Ida Alves, Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z. e CORREA, R.L. (Org.) **Geografia Cultural: uma antologia** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- COSGROVE, Denis e JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia Cultural: um século (2)**: Rio de Janeiro EdUERJ, 2007.
- COSTA, Otávio José Lemos. A Imaginação Geográfica e a Representação dos Lugares Sagrados. **Espaço e Cultura**, n. 32, p. 48-60, Jul-Dez, 2012.
- DAMERY, Claire. Espace public, patrimoine et milieu affectif: exemples du Marais d'Orx et du Domaine d'Abbadia. 2008. 501f. **Thèse** (Doctorat). Disponível em: www.theses.fr/2008PAUU1004. Acesso em: 01/03/2018.
- DARDEL, Eric. **L'Homme e la Terre**. Paris: Editions du CTHS, 1990.
- JACKSON, Jonh Brinckerhoff. **Discovering the vernacular landscape**. New Haven and London: Yale University Press, 1984.
- LONGHURST, R. Introduction: Subjectivities, Spaces and Places. In: ANDERSON, K. DOMOSH, M. PILE, S. e THRIFT, N. (Org.) **Handbook of Cultural Geography**. London, Sage Publications, 2003. p. 283-289.
- LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MARANDOLA JR. E. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, M.A. da; SILVA, H. R. F. (Org.) **Geografia, literatura e arte**: Salvador: EdUFBA, 2010. p. 21-32.
- OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

SOKAL, A. **Imposturas Intelectuais**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SORRE, Max. A noção de gênero de vida e seu valor atual. In: CORREA, R.; ROSENDHAL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural: um século(3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectivada experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y-Fu. Space and Place: humanistic perspective. In GALE, S. OLSON, G. (orgs.) **Philosophy in geography**. Dordrecht: Reidel, 1979. p. 387-427.